

O diálogo do espelho

Edson Nascimento Campos | UFMG

A Magda Becker Soares e Celso Fernando Favaretto

Reporto-me ao transcendente.

João Guimarães Rosa

Resumo: Neste artigo, o texto é pensado, enunciativamente, como espaço de diálogo. Ou seja, o diálogo do espelho, realizado com as atividades de escrever e ler, falar e ouvir, é pensado como atividade dialógica. Assim sendo, no diálogo dos interlocutores, o locutor produz para o seu alocutário, no espaço visível do texto, ou do espelho, não só as imagens a serem reproduzidas, como, ainda, as imagens a serem transformadas. Mas, o diálogo do texto, ou do espelho, é marcado, também, pela ação das imagens que vão sendo dadas à visibilidade pela ação invisível do vazio gerador da produção do poético.

Palavras-chave: texto, enunciação, dialogismo.

Acredito ser possível dizer que o conto “O Espelho”, das *Primeiras histórias* de João Guimarães Rosa, seja uma experiência literária que estaria articulada com o projeto literário de *O Grande Sertão Veredas*. Acredito que esse conto seja uma experiência de diálogo como realização enunciativa que se mostra, num primeiro plano de observação, na relação do herói, vestido com a roupagem do locutor-narrador, em interação com o seu interlocutor, o ouvinte-herói, homem, senhor de ciência.

– Se quer seguir-me, narro-lhe, não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade - um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo (ROSA, 1994, p.437).

Se for possível a crença em tal diálogo, orientado enunciativamente, a sua realização traz algumas marcas da especificidade do dialogismo da linguagem. E isso nos leva a pensar na relação do autor com o herói, desdobrado, no conto em estudo, nas figuras do narrador-locutor e do ouvinte-interlocutor, como constituintes de uma estética da criação com a linguagem.

Assim pensando, o autor articula a posição imaginária do locutor e ocupa o lugar do *eu*, ou seja, uma posição de *exterioridade*, e, aí, se distancia de seu interlocutor para, correlativamente, idealizá-lo. Desse modo, produz para esse interlocutor, que ocupa o lugar do *outro*, um certo excedente de visão. Ou seja, produz uma construção semântica, uma certa visão do mundo, que doa ao outro um certo sentido. E, aí, o locutor produz a transcendência, ou o todo, em que o outro, o interlocutor-herói é, também, constituído. Penetra “conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade – um espelho?” Assim fazendo, o locutor vai além dos limites de um certo acabamento: “Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica.” E de tal acabamento, do interior de sua excedência, explora um certo incabamento: “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.”

Com essa primeira abordagem, se for possível dizer o que foi dito, até então, o projeto de interlocução da escrita de J.G.Rosa, nesse conto, “O Espelho”, nos limites da interação do *eu* com o *outro*, realiza a experiência dialógica da construção de um herói a espelhar um Autor que pensa tal herói nos limites do jogo do acabamento e do inacabamento a que está sujeita a condição do ser humano uma vez que a incompletude, a despeito da completude,

assinala, de modo singular, a experiência do homem. E, aí, a relação do autor com o seu herói acontece sob o signo do movimento da tensão.

Faço, aqui, chamando a esse enunciado, a inevitável relação dessa escrita de Rosa com o sentido de uma das diversas máximas articuladas pelo *Grande Sertão: Veredas* como princípios constitutivos de sua visão de mundo, ou seja, de produção do sentido de uma certa excedência, com que o autor tece o sentido do humano de seu herói: “O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”(ROSA, 1967, p.20-21).

Aliás, vale lembrar o sentido das palavras de um livro que fala d’ “O Espelho” de Rosa: “O *homem humano* deixado, assim, como um ponto final, na última frase de *Grande sertão: veredas*, é o que Guimarães Rosa vai estudar minuciosamente, na continuação de sua obra, em *Primeiras estórias*, de que é o ponto final” (ARAÚJO, 1998, p.12).

Pensando, então, na possibilidade de ler “O Espelho” de Rosa como um estudo minucioso do homem humano de Rosa já delineado em *Grande Sertão: Veredas* e pensando que a excedência determina, constitutivamente, o diálogo do acabamento com o inacabamento do herói, acredito ser atraente uma reflexão sobre o sentido da linguagem na realização que materializa tal excedência no conto que estamos lendo, relendo e, aí, contando uma certa história.

E por que não pensar a linguagem como espelho?

Pensem, pois, na especularidade do espelho, ou seja, na especificidade das propriedades do espelho no texto de Rosa.

De um lado, podemos dizer que o espelho, como materialidade, não é processo que se reduz à operação de produzir, em reflexo, as imagens que vão sendo mostradas na superfície de sua lâmina como se ali pudesse acontecer apenas a dimensão visível das imagens. Nesse sentido, o espelhamento processaria as imagens passíveis de reprodução e, como tal, constituiriam os objetos marcados pela movimentação coagulada da aparência de vida. À primeira vista, tal processo de constituição da visão das imagens, não consideraria a possibilidade da diferença dos olhares na sua produção, reduzindo as imagens à ilusão superficial da reprodução em série. Diante dos limites da reprodução, o espelho não só reflete, mas, ainda, e, simultaneamente, refrata. Disso o herói-narrador não se esquece. Especula.

Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas – que espelho? Há-os “bons” e “maus”, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? (ROSA, 1994, p.437).

Se a fidedignidade ou honestidade dos espelhos no processo de reprodução das imagens em reflexo fica, assim, asseverada com as ressalvas do questionamento com o qual o narrador-herói se alimenta, parece ser próprio, ainda, como atributo de sua especularidade, a possibilidade da negação da reprodução. E, com isso, afirma-se, então, a possibilidade do exercício da transformação no espaço visível das imagens em processo. O visível está sujeito, pois, a um movimento que dinamiza o jogo das imagens. O herói nos fala, especulando:

O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a idéia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma. Via de regra, sabe-o o senhor, é a superstição fecundo ponto de partida para a pesquisa. A alma do espelho – anote-a – esplêndida metáfora. Outros, aliás, identificavam a alma com a sombra do corpo; e não lhe terá escapado a polarização luz-treva. Não se costumava tapar os espelhos, ou voltá-los contra a parede, quando morria alguém na casa? Se, além de os utilizarem nos manejos da magia, imitativa ou simpática, videntes serviam-se deles, como da bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade? Alongo-me, porém. Contava-lhe...

Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício – faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 1994, p.438-439).

Se então, o espelhamento acolhe a luz e a treva, o seu jogo possibilita o desvelamento da transformação viva no interior do sujeito e a vivacidade desse movimento aparece visível nas manifestações espelhadas do

amor e do ódio. Mas isso ocorre se pensarmos apenas na lâmina que acolhe o que se forma sob a forma de imagens no jogo da semelhança com a diferença. Isso porque o nosso herói-Narrador, abrindo a reflexão, desloca o nosso olhar e nos faz ver o que a sabedoria clássica tem a dizer: “Tirésias, contudo, já havia predito ao belo Narciso que ele viveria apenas enquanto a si mesmo não se visse...” (ROSA, 1994, p.438).

Dado por certo, então, que a transformação habita o jogo visível das imagens do espelho, a partir dessa advertência do herói-Narrador, evocando Tirésias, o espelhamento ocorreria, então, *de outro modo*, no jogo da imagem com a não-imagem, articulando-se os planos do visível do imediato com o invisível do mediato do processo de espelhamento de onde surgiria, então, a verdadeira face do eu que singulariza o ser humano.

O herói-narrador começa, então, a procurar a si, “a tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio”, pois ali estaria “a vera forma” de seu eu. E nos diz:

Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpeime, em muito. Mas, o invicto. O ficto. O sem evidência física. Eu era – o transparente contemplador? [...]

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei – não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo. [...]

São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde – por último – num espelho. [...]

E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda nem-rosto – quase delineado, apenas – mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá? (ROSA, 1994, p.441-442).

Diante desse traço, marcado pelo novo da originalidade, o herói-Narrador, está diante dos efeitos do vazio, ou do nada que só se apreende pelas imagens resultantes de seu processo, inapreensível enquanto tal.

Ora, “a poesia não foi sempre a incessante busca de dizer o indizível e fazer do inapreensível o alvo de sua trama?” (PARAIZO, 2000, p.498).

Tal questão não seria respondida por Paulo Leminski (1995, p.70)? Vejamos:

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.

A escrita marginal da poesia só se realizaria, então, pelo branco das entrelinhas, pelo vazio iluminado, e, nesse espaço aberto, será que esse nada não é como um cristal: “bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade?”

Será que o poético não seria o produto do nada que possibilita o efeito transformador da refração da não-imagem?

Vejamos o que nos diz Bakhtin (*apud* FARACO, 2003, p.49) sobre o movimento da refração:

Se nós imaginarmos a intenção de um tal palavra, isto é, sua direcionalidade para o objeto, na forma de um raio de luz, então o jogo vivo e irrepitível de cores e luz nas faces da imagem que ele constrói pode ser explicado como a dispersão espectral da palavra-raio, não no interior do objeto em si (...), mas antes como sua dispersão espectral numa atmosfera cheia de palavras alheias, julgamentos de valor e acentos através da qual o raio passa em seu caminho em direção ao objeto; a atmosfera social da palavra, a atmosfera que cerca o objeto, faz as faces da imagem cintilar.

Com esse quadro, o espelhamento, que vai além do refletir, realizando a operação de refratar, o faz no interior da excedência, ou visão de

mundo do autor enquanto construção social que não só aponta para o acabamento, mas, ainda, para o inacabamento do que cerca o humano. E isso nos possibilita dizer que o espelhamento enquanto processo da linguagem seria a metáfora da criação, que não se efetiva sem a diferença dos raios de luz da refração na lâmina que reproduz e transforma as imagens, mas, ainda, na lâmina enquanto nada : processo instaurador da singularidade.

Ora, se assim é, o texto como realização da linguagem poética, ou não, é o espaço do vazio, sempre aberto à marginalidade da refração, e, como tal, é sempre, como origem, um ponto relacional, ou seja, está sempre aberto à infiltração de outros textos: aqueles que o escritor lê, relê, escrevendo; aqueles que o leitor lê, relê, dando conta da escrita que processa. Nesse jogo de dispersão da luz, por exemplo, a narrativa do nosso herói é a luz que refrata os recursos estabelecidos da narração: não há aventura, nem fatos: “Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles.” Ou, ainda, a luz que vai refratando a fala em escrita, sem apagar do escrito as ressonâncias da oralidade que já não se realiza como tal, nas condições do texto que vai sendo escrito para ser lido, embora tenha, ainda, de ser ouvido.

E, assim, marginalmente, o herói nos faz pensar no caráter polifônico do espelhamento, em que o texto é sempre um objeto de mediação uma vez que realiza o processamento de quem fala/escreve na relação com quem processa o que ouve/lê.

E nessa determinação recíproca da mediação, a realização dialógica do locutor e do interlocutor, produziria uma ultrapassagem dos sentidos então produzidos, e os rearticula numa integração que provisoriamente os fecha, evidenciando, repito, a presença do acabamento e do inacabamento dos produtos da linguagem enquanto realização do humano. Nisso, nenhum texto poderia ser uma realização monofônica como centro detentor do saber instalado: o que aparenta ser um centro precisa ser aberto, estrutural e dialogicamente, para as margens. Nisso, vejamos o que nos diz Heloisa Vilhena de Araújo (1998, p.19):

Conhecemos a importância de que se reveste para Guimarães Rosa o centro, o meio – o que já pôde ser estudado no exame de Corpo de Baile e de Grande sertão: veredas. Na verdade, quando se trata de coletânea de contos, o escritor costuma colocar no centro o texto que define a perspectiva de onde olhar a obra. [...]

Ocupando o lugar central entre os contos de Primeiras estórias, encontramos “O espelho”. Nas posições extremas, estão dois contos sobre um mesmo Menino, que viaja, em ambas as ocasiões, a Brasília cuja construção se inicia. A alma do espelho – anote-a – esplêndida metáfora (ROSA, 1994, p.438).

Se assim for, o conto *O Espelho* seria esplêndido na medida em que metaforiza a realização do texto do escritor João Guimarães Rosa, ao projetar, enquanto Autor, a sua excedência, da posição de exterioridade que ocupa. Isso o possibilita, dialogicamente, articular o processo de doação de sentido para o seu herói, numa certa transcendência, realizando o seu desdobramento na relação de um autor (o narrador-herói) com o seu herói (o interlocutor-herói), constituídos na relação correlativa da interação. E, por isso mesmo, sujeitos ao jogo do acabamento e do inacabamento que perpassa a interlocução que os aproxima e os distancia. Assim operando, são submetidos ao uso da linguagem, como a submetem, enquanto espelhamento, em que o jogo das imagens refletidas e refratadas no corpo visível do cristal acabam, ainda, refratadas, no corpo visível da lâmina que abriga o nada de onde nasce a singularidade do humano.

Em outras palavras, esse desdobramento do herói, no corpo do conto, como relação de um autor com o seu herói, não seria a metáfora que projeta o sentido da excedência com que o autor do escritor se faz, espelhadamente, como autor-modelo, ou como invenção passível de ser pensada como estilo literário? Se assim for, o conto “O Espelho” seria esplêndido por ser a metáfora que espelharia o projeto da criação literária da obra de João Guimarães Rosa.

Se, por outro lado, entendemos o conceito de gênero, enunciativamente, como modo de organizar o mundo da experiência, tal mundo seria caracterizado por um modo de construção do acabamento. E esse acabamento seria o modo de organizar o transcendente, o todo, ou seja, o conjunto das relações dialógicas, cujo acabamento acontece, no conto, exatamente, no movimento particular do acabamento com o inacabamento do Autor com o herói, espelhado no desdobramento desse herói na figura dos interlocutores do diálogo. No conto “O Espelho”, esse diálogo acontece por um espelhamento sucessivo de imagens produzidas, interlocutiva e dialogicamente, por reflexos e refrações, o que, então, nos possibilitaria ver tal conto como metáfora da realização da polifonia na prosa de ficção de João

Guimarães Rosa.

A esplêndida metáfora do espelho possibilitaria, aqui, até então – acredito – a captura dos diversos sentidos desse diálogo do espelho que estou propondo.

Abstract: This paper thinks the text, in its enunciation, as a space of dialogue. The mirror dialogue which takes place with the activities of writing, reading, speaking and listening, is seen as a dialogic activity. Thus, in the space of the dialogue the speaker conveys to his addressee, in the visible space of the text or of the mirror, not only images to be reproduced, but also images to be transformed. The dialogue of the text, or of the mirror, is also marked by the action of images that are given to visibility by the invisible action of the void which leads to the production of the poetic.

Key words: text, enunciation, dialogism.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. *O Espelho: Contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarin, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAMPOS, Edson Nascimento. *A dimensão dialógica da linguagem na constituição teórico-metodológica do conceito de gênero*. Belo Horizonte, SEV/FALE-UFGM, 2004. (Palestra: Inédito)
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Escrever e Ler: faces da mesma moeda. Vertentes*. São João del-Rei; n. 9, p.75-83, 1997.
- CURY, Maria Zilda Ferreira e CAMPOS, Edson Nascimento. *Fontes primárias: saberes em movimento. Revista da Faculdade de Educação (USP)*. São Paulo; v. 23, n. 1/2. p. 311-323, 1997.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MACHADO, Irene A. *Os gêneros e o corpo do acabamento estético*. In: BRAIT, Beth (Org.).

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

Bakhtin, *Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas: Ed.da Unicamp, 1997. p.141-158.

PARAIZO, Mariângela de Andrade. Especulando sobre o Vazio. In: DUARTE, Lélia Parreira *et al.* *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas/CESPUC, 2000.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

ROSA, João Guimarães. O Espelho. In: ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.p.437-442. (Primeiras Estórias)

TEZZA, Cristovão. Polifonia e Ética. *Revista Brasileira de Cultura*, São Paulo, n.59, p.60-63. (Ensaio)